



A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SRM E SEUS SABERES FORMATIVOS

Rejane Souza Ribeiro de Cristo
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil
Endereço eletrônico: reje05ribeiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de dissertação, que teve como objeto de estudo a prática pedagógica nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). A questão norteadora é como a prática pedagógica nas Salas de Recursos Multifuncionais configura-se como elemento fomentador de aprendizagem e inclusão na instituição escolar. Com intuito de responder a este questionamento, o objetivo geral da pesquisa foi compreender como a prática pedagógica nas Salas de Recursos Multifuncionais tem contribuído no processo de inclusão dos alunos. E como objetivos específicos: Analisar as concepções da prática pedagógica das professoras em relação a deficiência, atendimento educacional especializado e Educação Inclusiva; Caracterizar a prática pedagógica das professoras atuantes na Sala de Recursos Multifuncionais; Identificar na prática pedagógica elementos que contribuem na inclusão do aluno na instituição escolar.

Buscando a compreensão de como a prática pedagógica torna-se elemento de aprendizagens e inclusão, tendo como relevância, o fato que o atendimento especializado na SRM exige do docente, o trabalho com diversos tipos de NEE, considerando que a política pública de Educação Inclusiva foi implantada com o objetivo de modificar a Educação Regular e a Inclusiva, no sentido de desenvolver diretrizes e ações para a reorganização de serviços de Atendimento Educacional Especializado (AEE) (BRASIL, 2007) inserindo neste contexto a organização das Salas de Recursos Multifuncionais, investigar quais as facetas que a compõem para atender as especificidades deste espaço e deste público justifica a relevância desta pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza qualitativa, estudo de caso, realizada em duas escolas da rede municipal de Educação (anos iniciais e anos finais da educação básica), tendo também como participantes duas professoras que trabalham na SRM e quatro alunos,



destes, três com deficiência intelectual (DI) e um aluno com baixa visão. Quanto ao tempo da pesquisa, cada professora foi observada duas vezes na semana, no período de dois meses e meio, como um dos instrumentos de coleta dos dados utilizamos a entrevista. Foi utilizada como estratégia para tratamento e análise dos dados, a análise de unidades proposta por Vygotsky (2009) e como categorias para a análise destes os saberes docentes, para responder ao objetivo caracterizando a faceta da prática pedagógica das professoras na SRM.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a prática pedagógica dos professores que trabalham nas SRM é caracterizada por vários conhecimentos, entre eles os conceitos de deficiência, atendimento educacional especializado e de educação inclusiva, estes são essenciais para a estruturação de suas concepções acerca dos elementos que caracterizam o seu objeto de trabalho, apresentando-se como uma das facetas fundamentais da prática pedagógica, pois esta compreensão determinará o agir dos professores com esses alunos (PIMENTEL, 2016).

A fala das professoras em relação aos caminhos que trouxeram até a SRM demonstra uma compreensão de que os saberes adquiridos na sua experiência compõem o repertório de competências para traçar o perfil do seu trabalho:

Linda: [...] eu ouvi uma conversa da diretora com a coordenadora, que ia precisar de um professor para a Sala Multifuncional, [...], e só poderia trabalhar lá quem tivesse pós-graduação, ou em Psicopedagogia ou em Educação Especial.

Bela: [...]. Quando comecei, algumas pessoas, colegas falavam bem assim: mas ela tem formação em Educação Especial? Perguntavam pra ela, e ela respondia: não, mas ela tem muito conhecimento! Pela questão de trabalhar na educação infantil, que forma uma base. É a formação da criança, do ser, do educando começa lá nessa base! (Entrevista, 2017).

Linda atendia as exigências da formação na área (BRASIL, 2010), com a pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva e seu perfil de alfabetizadora, com a experiência nos anos iniciais (1º ao 3º ano) com saberes constituídos na sua vivência profissional, que lhes dão mais competência que a formação continuada (a pós em Educação Especial e Inclusiva). Bela não tem a formação específica para trabalhar na SRM, mas, percebemos a convergência de opinião com Linda, acerca dos saberes que



lhes dão as atribuições necessárias para atuar. Neste caso, como professora de educação infantil, a experiência do trabalho nesta modalidade tem tudo a ver com o AEE, pois as aprendizagens necessárias a esta fase acerca do desenvolvimento humano, são necessárias para a realização do trabalho com os alunos atendidos na SRM.

A faceta da prática pedagógica é marcada pela heterogeneidade da formação inicial e continuada, dos currículos, das disciplinas e da sua experiência profissional (TARDIF, 2007), entretanto, apesar das professoras terem a formação continuada, ministrada continuamente pela Secretaria de Educação, o saber experiencial destaca-se como principal na entrevista. Um saber que constrói conhecimento sobre a prática acerca das especificidades da Educação Especial Inclusiva.

No intuito de conhecer as concepções das professoras acerca de conceito que são fundantes para o desenvolvimento das ações nas SRM, os quais envolvem a natureza teórica e prática, com a finalidade de compreender cada aluno que ali está e como planejar e desenvolver ações para que possam avançar, nos aspectos cognitivos, afetivos e sociais. Sobre Deficiência Linda e Bela disseram que:

***Linda:** A minha concepção de deficiência... (pensativa, pausa) ser deficiente não é ser incapaz! Por que a deficiência não deixa a pessoa incapaz, mas qual a concepção de deficiência? [...] É porque não é ser incapaz! Na verdade, a palavra não deveria ser deficiência, porque ela é muito pesada, a palavra deveria ser limitação! Porque é isso que eu quero dizer, até nós, ditos normais e que não somos normais, somos limitados. A minha concepção de deficiência, é que ser deficiente não é ser incapaz, ao contrário, é superar as incertezas, superar, correr atrás. [...] Às vezes, a gente não sabe como se expressar! (Entrevista, 2017).*

***Bela:** [...] Tem-se a noção que não pode ser capaz, pra mim é aquele que não é capaz de andar, não é capaz de! Tem um déficit auditivo, ele não é capaz de ouvir, não é capaz de enxergar, mas apesar dele ser deficiente ele pode ter, pode desenvolver outras capacidades, outras habilidades! É incapacidade de...! (Entrevista, 2017).*

Este momento da entrevista pareceu tenso. As professoras demonstraram que não tinham conhecimento acerca dos modelos de deficiência ou das discussões que se apresentam no contexto nacional acerca destes. Deparamo-nos com uma reação de estranhamento com o termo deficiência de Linda e Bela e com a dificuldade de formular e expor o conceito.

Na fala de Bela aparece o conceito do modelo médico de deficiência em que o problema está no sujeito, onde a sua lesão é a explicação da sua limitação, da sua



incapacidade, condição patológica intrínseca ao indivíduo (DINIZ, 2007). No entanto, na prática pedagógica, Bela demonstra compreender que cada aluno, para além de sua deficiência, tem potencialidades, que “se bem estimulados e com as atividades direcionadas” (Diário de campo, 2017) pode-se possibilitar o desenvolvimento deste aluno, o que nos remete ao modelo social da deficiência o qual considera que esta, não se resume aos impedimentos (físico, cognitivo, comportamental), sendo fruto de ambientes sociais indiferentes a diversidade do corpo de cada pessoa (DINIZ, 2007). Logo, a prática pedagógica, no ambiente da SRM, voltada para as possibilidades e não para o impedimento do aluno PAEE, demonstra uma contradição acerca dos modelos de deficiência entre os saberes (teóricos) e a prática de Bela.

Linda não limita ou caracteriza a deficiência ao impedimento que o aluno apresenta, argumentando que até na normalidade existem limitações, o que a priori, lembra-nos o modelo social de deficiência, mas quando indica que é a “superação de limitações” (Entrevista 2017) pelo aluno com deficiência, voltamos a centralização da mudança, apenas no sujeito, nos reportando ao princípio da integração, reforçando o paradigma de serviço (ARANHA, 2001), refletido na sua prática pedagógica e no cotidiano da instituição escolar.

Apesar de Linda ter formações específicas (Especialização em Educação Especial Inclusiva) e ambas relataram participar dos encontros de formação continuada, quinzenalmente, com a Assessoria de Educação Especial, onde estudam e discutem questões pertinentes ao aluno PAEE, parece que falta às docentes a argumentação técnico científica para conceituação de componentes específicos do seu trabalho, que advém das formações (TARDIF, 2007) caracterizando a concepção das docentes no âmbito do senso comum, assim como os demais professores que trabalham com as salas de ensino regular.

CONCLUSÕES

A faceta da formação docente é marcada pela heterogeneidade advindos da formação inicial e continuada, dos currículos, das disciplinas e da prática cotidiana, ou seja, da sua experiência profissional. A valorização dos saberes da experiência nos reporta a uma prática educativa associada à arte, na qual a prática pedagógica é guiada pela experiência do professor, fonte de bons hábitos (TARDIF, 2007).



A prática pedagógica na SRM pode *resultar* bem como *comprometer* o atendimento às necessidades específicas apresentadas por cada deficiência no estímulo e desenvolvimento de habilidades. Estas implicações estão atreladas a faceta da formação e os saberes das professoras no conhecimento das características de cada deficiência, o que vai orientar as ações da professora com este aluno, do conceito que a professora tem sobre o modelo de deficiência (médico ou social) que vai orientar o seu olhar - ou para as limitações do aluno ou para as suas potencialidades (DINIZ, 2007; PICOLLO, 2015).

Neste contexto, a secundarização do saber teórico, acerca das especificidades da Educação Especial Inclusiva, provenientes da formação inicial e continuada, e supervalorização dos saberes experienciais, podem trazer para a prática pedagógica um caráter simplista, com conceitos e concepções baseadas no senso comum, descaracterizando o aspecto técnico- científico inerente ao trabalho docente.

PALAVRAS CHAVE: Prática pedagógica; Sala de Recursos Multifuncionais (SRM); Saberes docentes

REFERENCIAS

ARANHA, Maria Salete. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. In: **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Ano XI, n. 21 março, 2001. Disponível em: <http://www.adion.com.br/mznews/data/paradigmas.pdf>. Acesso em: 06mar.2017.

BRASIL. **Manual de Orientação: Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Secretaria de Educação Especial/SEESP. Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9936-manual-orientacao-programa-implantacao-salas-recursos-multifuncionais&Itemid=30192 Acesso em 15.dez.2016.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?**São Paulo. Ed. Brasiliense, 2007.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre; AMGH, 2010.

MIRANDA, Theresinha Guimarães. O grupo de pesquisa em Educação Inclusiva e necessidades educacionais especiais do PPGE/UFBA. In.:MIRANDA, Theresinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão(Org.) **O professor e a Educação Inclusiva: Formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2016.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

PICCOLO, Gustavo Martins. **Por um pensar sociológico sobre a deficiência.** 1º ed. Curitiba: Appris, 2015.

PIMENTEL, Suzana Couto. O desenvolvimento de uma práxis social inclusiva: uma proposta para a transformação do cotidiano escolar. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães (Org.). **Políticas de Inclusão Escolar: um diálogo multidisciplinar.** Salvador: EDUFBA, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 8º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO